



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

Gisely Patricia de Souza Morais

**O ENSINO DA FLEXÃO DE NÚMERO DOS SUBSTANTIVOS EM GRAMÁTICAS
ESCOLARES: contribuições da história da língua para o ensino de português**

CAMPINA GRANDE-PB
2024

GISELY PATRICIA DE SOUZA MORAIS

**O ENSINO DA FLEXÃO DE NÚMERO DOS SUBSTANTIVOS EM GRAMÁTICAS
ESCOLARES: contribuições da história da língua para o ensino de português**

Monografia de conclusão de curso apresentada
ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da
Universidade Federal de Campina Grande,
como requisito parcial à conclusão do curso.

Orientador: Prof. Dr. José Herbertt Neves
Florencio

CAMPINA GRANDE-PB
2024

M827e

Morais, Gisely Patricia de Souza.

O ensino da flexão de número dos substantivos em gramáticas escolares: contribuições da história da língua para o ensino de português / Gisely Patricia de Souza Moraes. – Campina Grande, 2024.
43 f. : il.

Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação: Prof. Dr. José Herbertt Neves Florencio".
Referências.

1. Língua Portuguesa – Estudo e Ensino. 2. Flexão de Número. 3. Substantivos. 4. Ensino do Léxico. 5. História do Português. 6. Análise Linguística. I. Florencio, José Herbertt Neves. II. Título.

CDU 811.134.3(07)(04)


Gisely Patricia de Souza Morais

**O ENSINO DA FLEXÃO DE NÚMERO DOS SUBSTANTIVOS EM GRAMÁTICAS
ESCOLARES: contribuições da história da língua para o ensino de português**

Monografia de conclusão de curso apresentada
ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da
Universidade Federal de Campina Grande,
como requisito parcial à conclusão do curso.

Aprovada em 29 de outubro de 2024.

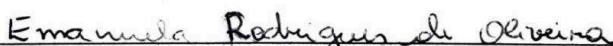
Banca Examinadora:



Prof. Dr. José Herbertt Neves Florencio (Orientador – UAL/UFCG)



Profa. Dra. Laura Dourado Loula Régis (Examinadora interna – UAL/UFCG)



Profa. Ma. Emanuela Rodrigues de Oliveira (Examinadora externa – Faculdade Rebouças)

Dedico este trabalho a toda a minha família, que,
em meio aos desafios da vida, me reergueu com amor.

AGRADECIMENTOS

A Santíssima Trindade – Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo – por ter me proporcionado o amor e a vida, mesmo sem eu merecer, pela capacidade de ser inteligente, por ter a paz que eu tanto necessitava.

A virgem Maria pela sua intercessão como mãe e mediadora das minhas dores e angústias e a São José Maria Escrivá, pela graça alcançada de finalizar este trabalho de conclusão de curso.

A minha família, meu pai Sebastião, minha mãe Elizete, meus irmãos Matheus, Letícia, Davi e Levi, a meu sobrinho Allan, a meus cunhados Iure e Erlany, obrigada a todos vocês por serem a minha base de apoio, solicitude e amor. Àqueles que, mesmo em meio a dificuldades, me fizeram sorrir. Sou extremamente grata por tudo que já fizeram e fazem na minha vida, ter uma graduação é um motivo de orgulho tanto para vocês quanto para mim, sou feliz por conta disso. Sem vocês eu não seria nada do que sou hoje. Se sou uma mulher íntegra e de caráter é graças a tudo aquilo que vocês me permitiram ser e me orientaram em toda a minha vida.

Ao meu noivo, Igor Mota, amor da minha vida, por tudo o que significa para mim. Sou grata pelo seu companheirismo e amizade. Obrigada por acreditar na minha capacidade, por sem quem és na minha vida, por ter me transformado em uma pessoa melhor, você é o motivo da minha felicidade. Obrigada por sua paciência, retidão e alegria. Obrigada por ser um exemplo como homem e noivo.

Aos meus avós maternos, Seu Luis e Dona Socorro, por tamanho amor para comigo, por todo o apoio, pelas vezes que foram meu refúgio e por tudo aquilo que já fizeram por mim antes mesmo de eu nascer, obrigada por terem me ensinado a viver pela Fé e pelo amor à família. Sem vocês, eu não seria nada do que sou hoje.

A minha Tia Lucimere, por sua amizade e apoio de sempre, por ser uma pessoa que me dá forças para seguir em frente, por ser uma irmã mais velha, pelos conselhos e orientações tanto na vida pessoal quanto profissional.

A minha avó/tia Paterna, Dona Rita (*in memoriam*), que foi para mim um exemplo de mulher e de amor para com os seus filhos biológicos e adotivos, obrigada por tudo aquilo que fez por mim e pela minha família, sua partida é, hoje, um aperto no peito que deixou uma imensa saudade. Sei que minha formação seria motivo de orgulho para a senhora, creio em um dia te ver novamente.

Aos meus tios, Romério, Zeza, Marcone e Mara. A minha avó paterna, Marta, e aos meus primos Camila e Luis Pedro pelo amor, respeito e solicitude. Obrigada por todo apoio recebido.

Aos meus amigos e amigas mais próximos, Douglas, Cidinha, Elania, Rafaela, Natércia, Beatriz, Rafael, Liliane e Noêmia, por tantas alegrias vividas juntos, por fazerem da minha vida na terra um percurso mais leve e feliz.

Ao meu orientador, Professor Dr. Herbertt Neves, por ter me ajudado e ter sido o apoio necessário para a conclusão deste trabalho, agradeço pela paciência, colaboração e por tudo o que foi ensinado durante o percurso da graduação e também para a conclusão deste trabalho.

A Professora Dra. Viviane Caldas, por todo apoio e por toda motivação recebida, obrigada por ter acreditado em mim mesmo quando eu mesma não acreditava.

A coordenadora do PIBID (2022-2024), a Professora Dra. Denise Lino de Araújo, por toda ajuda nas respectivas áreas de atuação do projeto e por todo ensinamento repassado.

Aos Professores Aloísio Dantas, José Edilson de Amorim, José Mário, Laura Dourado e Manassés Xavier, por terem feito do estudo em sala de aula mais leve e descontraído, por tudo aquilo que a mim foi repassado em forma de conhecimento.

A Gilza Santos, minha professora do ensino médio, por todo incentivo na minha caminhada profissional como professora, sou grata por todo ensinamento.

A Seráfico Lourenço e a Fernando Carlos de Araújo, motoristas da minha cidade, São Vicente do Seridó, por todo carinho e gentileza, por terem sido, muitas vezes, meus conselheiros e parceiros de conversa durante as idas e vindas para a Universidade.

A Luana, minha querida amiga, irmã, conselheira, você significa muito para mim. Te levarei comigo sempre, obrigada por tudo.

A Josefa, Nathália e Gabriely, minhas queridas amigas, e a João Victor e Alisson, que considero como meus irmãos, que prazer ter conhecido vocês e ter construído uma amizade sincera, íntegra e de respeito!

Enfim, a todos os amigos que adquiri nesse percurso acadêmico, nunca esquecerei de vocês que foram a extensão da minha família no ambiente universitário, são anjos de Deus na terra, um apoio que eu nunca pensei que teria. A Iulia, Thaynah, Raissa, Davi, Sara, Miguel, Gicely, a toda a turma de 2020.1, todos vocês foram essenciais para a conclusão da minha graduação. Meus sinceros agradecimentos e o meu desejo de sucesso na caminhada de cada um.

[...] Esquece-me do que fica para trás e avanço para o que está na frente. Lanço-me em direção à meta, em vista do prêmio do alto, que Deus nos chama a receber em Jesus Cristo.

Filipenses 3,13-14

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo propor possibilidades metodológicas de descrição do plural dos substantivos no ensino de língua portuguesa. Assim, com base nas concepções advindas da origem latina, propor um estudo comparativo a partir da análise das gramáticas escolares de Bechara (2020), Terra (2017) e Pereira *et al.* (2017). Fundamentada em contribuições históricas de Bassetto (2010), tendo o apoio de Azeredo (2010) e outros autores, o percurso teórico desta pesquisa parte inicialmente pelas definições de flexão de número e processo de nasalização fonética. Após isso, temos em seguida uma discussão acerca do ensino da flexão de número dos termos plurais advindos do latim (-ane, -onu e -one). Em meio a essa exposição, foi feita uma proposta de ensino em vista dessas terminações. Assim, além de contar com a base morfológica originária do latim para o que, no português moderno, são -ãos, -ões e -ães, a proposta também é embasada nas práticas de análise linguística. Por fim, concluímos a respeito de como o ensino histórico-comparativo da língua portuguesa com a origem latina pode contribuir positivamente no estudo da flexão de número dos substantivos, como também o professor pode, a partir do estudo da origem de qualquer língua, esboçar práticas de ensino que auxiliem nas dificuldades gramaticais dos alunos.

Palavras-chave: Flexão de número. Substantivos. Ensino do léxico. História do português. Análise linguística.

ABSTRACT

This work aims to propose methodological possibilities for describing the plural of nouns in Portuguese language teaching. Thus, based on concepts arising from Latin origin, we propose a comparative study based on the analysis of school grammars by Bechara (2020), Terra (2017) and Pereira et al. (2017). Based on historical contributions by Bassetto (2010), with the support of Azeredo (2010) and other authors, the theoretical path of this research initially starts with the definitions of number inflection and the phonetic nasalization process. After that, we then have a discussion about teaching the number inflection of plural terms from Latin (-ane, -onu and -one). In the midst of this exposition, a teaching proposal was made in view of these endings. Thus, in addition to relying on the morphological basis originating from Latin for what, in modern Portuguese, are -ãos, -ões and -ães, the proposal is also based on linguistic analysis practices. Finally, we conclude on how the historical-comparative teaching of the Portuguese language with its Latin origin can contribute positively to the study of noun number inflection, as well as how the teacher can, based on the study of the origin of any language, outline practices teaching tools that help with students' grammatical difficulties.

Keywords: Number flexion. Nouns. Teaching lexicon. History of Portuguese. Linguistic analysis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – O ensino do plural dos nomes em -ão tônico	30
Figura 2 – Exercício de fixação prática de ensino sobre a formação do plural dos substantivos	31
Figura 3 – Definição de substantivo primitivo	33
Figura 4 – Exercício sobre o ensino de prática do plural dos substantivos	33
Figura 5 – Plural dos substantivos	35

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Estudo comparativo latim - português	26
Quadro 2 –	Substantivos terminados pelo ditongo nasal -ão	37
Quadro 3 –	Processo de formação do plural do ditongo -ão	38

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AL	Análise Linguística
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
GT	Gramática Tradicional
LP	Língua Portuguesa
PB	Português Brasileiro

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	14
2	ASPECTOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO	18
2.1	Caracterização da pesquisa	18
2.2	Descrição das gramáticas escolares	19
2.3	Procedimentos técnicos	21
3	FLEXÃO DE NÚMERO DOS SUBSTANTIVOS: SINCRONIA E DIACRONIA	23
3.1	Formação do plural em perspectiva sincrônica	23
3.2	Formação do plural em perspectiva diacrônica	24
4	ABORDAGEM DO PLURAL DOS SUBSTANTIVOS NAS GRAMÁTICAS ESCOLARES	29
4.1	Gramática Escolar da Língua Portuguesa	29
4.2	Curso Prático de Gramática	32
4.3	Nova Gramática para o Ensino Médio	34
4.4	Propostas para o ensino	36
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
	REFERÊNCIAS	42

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O ensino de gramática no Brasil por muito tempo foi tratado com reverência desde seu surgimento em 1850, em decorrência da influência que teve por ser feito junto à retórica e à poética a partir dos ensinamentos clássicos no cânone literário brasileiro (Duarte, 2021). Diante de toda história da gramática, observa-se aquilo que os linguistas entendem por um ensino voltado à descrição linguística, ou seja, um estudo voltado à estrutura da palavra, à identificação e à norma. A partir do século XX, surge um ensino apoiado no sentido das estruturas, em um viés voltado à língua em uso, a chamada Análise Linguística (Bezerra; Reinaldo, 2020). Percebemos, então, que estudar a descrição linguística e o seu funcionamento constitui fundamentalmente o ensino de língua portuguesa no Brasil.

Diante das mudanças que ocorreram no estudo da gramática tradicional (GT), desde seu surgimento até os dias atuais, percebemos que não se deve separar o estudo da descrição da língua do estudo do seu funcionamento. Isso não quer dizer que a raiz tradicional deve ser esquecida. Pelo contrário, no ensino de aspectos normativos da língua, podemos ter um estudo voltado à reflexão do seu uso dessas regras na língua. Entendemos, assim, que a gramática, diante do ensino prescritivo, vai ocupar um papel decisivo no estudo da língua portuguesa, já que é necessário ocorrer o estudo da estrutura da língua, em suas diversas unidades de análise, isto é, o estudo das categorias gramaticais estará presente em um poema, trecho de notícia, charge, tirinha, etc., dependendo do que as questões irão abordar.

Quando colocamos em pauta a flexão de número de substantivo, especificamente no plural de palavras terminadas em -ão, propomos uma abordagem mais analítica, diferente da forma superficial na tradição escolar de estudo da gramática. Embora tenhamos o conhecimento sobre o plural de palavras como *cidadão* e *botão* (cidadãos, e não cidadões; balões, e não balãos), precisamos entender que há, para isso, uma explicação que vem de raízes históricas da língua. A dificuldade que existe em relação a essa terminação pode, então, ser diminuída a partir desse entendimento.

Desse modo, estudar a língua em sua especificidade histórica é importante para compreendermos como ela está hoje ou como vai se manifestar, possivelmente, no futuro. Tendo em vista essa funcionalidade da língua em um viés histórico, podemos levar em consideração o contexto da sua produtividade perante a realidade lexical à qual está sempre sujeita. Assim, é necessário estudar aquilo que se fez e se faz produtivo para sua constituição como língua e observar os possíveis meios de estudo que esse viés histórico produtivo pode proporcionar hoje em dia.

Bechara (2009) nos apresenta um estudo da flexão de número dos substantivos em várias formas, como a formação do plural com acréscimo de -s, a formação do plural com acréscimo de -es, a formação de nomes gregos em -n, entre outras. Sobre a formação dos nomes em -ão, o autor afirma:

Dada a confluência das formas do singular num único final -ão (diferenciadas no plural, como acabamos de ver) surgem muitas dúvidas no uso do plural, além de alterações que se deram através da história da língua, algumas das quais se mantêm regional ou popularmente, em geral a favor da forma plural -ões, por ser a que encerra maior número de representantes (Bechara, 2009, p. 120).

Muitos fenômenos gramaticais na nossa língua têm origem latina, e a flexão dos substantivos não seria diferente. Segundo Rocha (2011), *número* é designado ao acidente gramatical que indica que o ser que está sendo nomeado é um ou mais de um. Normalmente o ensino do plural das terminações em -ão, nas gramáticas normativas, vai ser descrito por meio de tabelas com os respectivos plurais. No caso que destacamos, há três terminações nasalizadas no plural, em três formas distintas: ões, ãos e ães. Observa-se, na gramática latina, a razão de as palavras terminadas em -ão, no português, apresentarem plural distinto pelo modo como a palavra originária se apresenta na língua. Porém, sabemos que normalmente o que se aplica hoje no ensino dessas terminações é a assimilação por memorização de termos, causando, assim, um aprendizado limitado.

Reconhecemos que o ensino do plural dos substantivos de forma mecânica é inadequado. Se a língua é um sistema de comunicação vivo que ocupa um valor social importante no ensino, seja ele mais específico ou mais geral, seu ensino não deve ser feito de qualquer forma. Basílio (2011) vai afirmar que a língua é um sistema de comunicação abundante, e sua expansão não pode se resumir a aumentos de símbolos que todos deveriam decorar. A autora relata isso em vista da classificação das palavras, mas também podemos ter essa compreensão em relação ao ensino do plural dos substantivos, visto que acreditamos que quanto mais resumimos esse ensino a decoração de termos, ou o estudamos por meio de analogias das terminações, mais ele vai ser esquecido, e o estudo da norma continuará sendo estereotipado.

Mencionamos anteriormente que o plural é definido pela origem de cada palavra, como observamos na gramática de Ravizza (1940). Então, por que não ser essa uma regra inserida na sala de aula? Levando em consideração os plurais em -ãos, -ões e -ães, cogitamos o seguinte raciocínio: uma criança em processo de aprendizagem, tendo o contato com as

palavras de origem latina, teria mais facilidade em compreender o ensino de termos na língua portuguesa.

Tendo feito o levantamento de pesquisas no Portal de Periódicos da Capes e na revista *Philologus*, entre os meses de julho e setembro de 2024, encontramos pesquisas que tratam do estudo dos substantivos no geral. Mondadori (2009) faz uma descrição histórica a respeito da formação e origem da língua portuguesa, assim como também descreve as terminações do plural em latim na passagem para o português. Dessa forma, pela análise de três gramáticas, ela descreve propostas de atividades que são relacionadas com o ensino de gramática normativa, mas sem uma interação direta com as raízes históricas de tais terminações pluralizadas. Em Fraguas (2020), encontramos o estudo dos substantivos de modo comparativo entre gramáticas históricas e normativas. A pesquisa anteriormente citada se baseia em vista do conceito de substantivo e as suas subclassificações, propondo, assim, explicar, por meio da origem da língua, uma ampliação do estudo das nomenclaturas dos substantivos. Não foram encontrados, além das duas primeiras citadas, trabalhos que remetessem ao estudo mais aprofundado dos casos de plurais, essencialmente nas concepções advindas da origem da língua, como está sendo proposto nesta pesquisa.

Não foram encontradas, além das duas primeiras citadas, pesquisas que remetessem ao estudo mais aprofundado dos casos de plurais, essencialmente nas concepções advindas da origem da língua, como está sendo proposto neste trabalho. Desse modo, entendemos que as duas pesquisas citadas no parágrafo anterior, abordam sim o contexto histórico remetente a origem da língua, entretanto elas tratam de condições de ensino que visam hora uma proposta de atividades voltadas ao ensino mecânico das terminações, como visto em Mondadori (2009), ora retrata a explicação através da história da língua remetendo ao ensino dos 9 tipos de substantivos existentes, como foi visto em Fraguas (2020).

Este trabalho se justifica porque trazemos para realidade o contexto do estudo por meio da língua latina, que ainda hoje é vista como uma língua sem utilidade, apesar de encontrarmos pesquisas relacionadas à importância histórica dessa língua e a sua contribuição para estudos de cunho sociolinguístico. Assim, além de discutirmos no nosso trabalho que ela de fato é útil e se faz pertinente estudá-la hoje, também evidenciamos que nossa pesquisa se justifica diante da importância do estudo de uma classe de palavras com as possíveis heranças lexicais de sua língua de origem.

Diante dessas observações, este trabalho se orienta pela seguinte pergunta de pesquisa: *como o conhecimento da história da flexão dos substantivos pode ser abordado no ensino desse fenômeno gramatical?* Formulamos, então, o seguinte objetivo geral: *propor*

possibilidades metodológicas de descrição do plural dos substantivos no ensino de língua portuguesa. Para atingir esse objetivo geral, propomos dois objetivos específicos: a) descrever o modo como gramáticas escolares de Ensino Médio explicam o plural dos substantivos; e b) refletir sobre encaminhamentos pedagógicos necessários para inserção do elemento histórico no ensino desse fenômeno.

No que se refere às divisões das seções deste trabalho, temos 5 seções. A primeira corresponde a esta introdução. Na segunda seção, há os aspectos metodológicos de investigação. Seguindo as seções, é apresentado na terceira um aprofundamento da investigação do *corpus*, além das formas flexionais do estudo dos substantivos na perspectiva sincrônica e diacrônica da língua portuguesa. Seguindo para a quarta seção desta pesquisa, é disposta uma abordagem mais significativa do estudo do plural nasalizado. Por fim, na última seção, temos as considerações finais, em que trataremos de uma reflexão sobre o que foi visto na pesquisa.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO

No nosso percurso metodológico, iremos tratar da análise comparativa em vista das gramáticas escolhidas como *corpus* desta pesquisa. Nisso, com o intuito de averiguar como está sendo o ensino dos substantivos terminados em -ão, buscaremos de início apresentar como se caracteriza a nossa pesquisa. Posteriormente, seguimos para a descrição das gramáticas escolares e, em seguida, os procedimentos técnicos que englobam o nosso estudo como um todo.

2.1 Caracterização da pesquisa

A nossa pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa descritiva, porque a descrição das gramáticas é uma das partes mais importantes do nosso estudo. Segundo Mascarenhas (2014, p. 47), esse tipo de pesquisa se enquadra na perspectiva descritivista, pois tem o intuito de descrever as características de um fenômeno, isto é, por meio de análises que visam à observação das relações de tais fenômenos num material específico. Tal caracterização também se compactua para uma pesquisa qualitativa, ou seja, se uma pesquisa é qualitativa, também será descritiva. Visto que a pesquisa qualitativa, segundo Severino (2013, p.103), faz referência aos fundamentos epistemológicos, ou seja, diferentemente da abordagem quantitativa — a qual abrange o critério de estudo por dados estatísticos — a qualitativa se compactua ao contexto mais teórico e conceitual. Por essa razão é que esta pesquisa se enquadra nesta última citada, justamente porque é uma prática realizada de maneira mais específica do que experimental. Na pesquisa qualitativa o foco de estudo selecionado deve ser analisado sucintamente, visando a análise de dados que contemplem uma melhor compreensão do estudo de determinado fenômeno de forma aprofundada, porém sem se deter a dados numéricos.

Tendo como foco a abordagem qualitativa, descrevemos o nosso objeto com mais profundidade e abordamos o estudo do plural das palavras terminadas em -ão. Essa abordagem qualitativa, para Pereira *et al.* (2018, p. 67), configura a interpretação por parte do pesquisador com suas opiniões sobre o fenômeno em estudo. Assim, o que mais se compactua na aplicação dessa abordagem é a coleta de dados de forma descritiva, o que é realizado nesta pesquisa.

Utilizamos o método dedutivo, que, conforme Mascarenhas (2014, p. 43), parte do que é geral para o específico. Já segundo Marconi e Lakatos (2017, p. 99), o objetivo desse

método tem o propósito de explicar o conteúdo das premissas, isto é, um estudo a partir de um ponto ou de uma ideia concreta. Tendo em vista esse método, o nosso estudo parte das compreensões da história da língua portuguesa — o léxico latino — para o que é específico: averiguar como está sendo ensinado o plural dos substantivos nas gramáticas. Assim, visamos oferecer possibilidades pedagógicas em vista das contribuições históricas das terminações do plural nasalizado, ou seja, sobre as flexões de número desses substantivos.

Por fim, a nossa pesquisa também se enquadra na abordagem documental, pois as próprias gramáticas são os nossos principais documentos de estudo e análise. Mascarenhas (2014) afirma que esse tipo de pesquisa apresenta documentos que registram informações sobre o tema, isto é, não têm o objetivo de analisar o assunto nem são feitos para serem analisados. Ainda segundo Marconi e Lakatos (2017, p. 193), a característica desse tipo de pesquisa é tomar como fonte exclusiva de coleta de dados apenas documentos, sejam eles escritos ou não. Assim, nosso intuito é a identificação de como o ensino do plural do substantivo está sendo feito por meio desses documentos.

2.2 Descrição das gramáticas escolares

A primeira gramática descrita é a intitulada *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*, de autoria de Evanildo Bechara. A primeira edição dessa gramática é do ano 2001, pela editora Lucerna. A que está em análise nesta pesquisa corresponde à 3ª edição, que foi ampliada e atualizada pelo Acordo Ortográfico de 2009, sendo a gramática do ano de 2020, produzida pela editora Nova Fronteira. Bechara é membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia de Filologia, formado em Letras na modalidade neolatina e doutor na mesma área, sendo também professor titular emérito pela UERJ (1994) e da UFF (1998). Toda sua formação é pela primeira instituição. O autor também é sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, além de ser representante brasileiro do último Acordo Ortográfico.

Em sua estrutura, a gramática tem 800 páginas, contendo capa, ficha catalográfica, sumário, prefácios da 3ª, 2ª e 1ª edição, conteúdo em 7 partes correspondentes, contendo ao todo 32 capítulos. A primeira parte é intitulada de *Oração simples, seus termos e representantes gramaticais*, contendo a introdução, e os capítulos do 1 ao 3. A segunda parte corresponde às *Unidades do enunciado: formas e empregos*, com dez capítulos, do 4 ao 13. A terceira parte diz respeito às *Orações complexas e grupos oracionais*, contendo três capítulos, do 14 ao 16. Na quarta parte, temos o *Estudo da concordância, regência e colocação* abarcando quatro capítulos, do 17 ao 20, e um apêndice intitulado *figuras de sintaxe*. A quinta

parte da gramática abarca o *Estudo da estrutura das unidades*, com os capítulos 21 a 23. A sexta parte intitula-se de *Fonemas: valores e representações. Ortografia*, contendo os capítulos 24 a 28 e antes deste último está contido duas apêndices sobre normas para abreviaturas, etc. e a segunda em relação a grafia certa de algumas palavras. Na última parte, intitulada *Para além da gramática*, estão reunidos quatro capítulos, do 29 ao 32. Por fim, o autor dispõe no sumário a lista de abreviaturas, índice de assuntos e gabarito com respostas dos exercícios propostos, lembrando que cada capítulo supracitado também tem exercícios correspondentes ao conteúdo indicado.

A gramática escolar, ou também chamada de gramática didática e/ou pedagógica segundo Vieira e Alexandre (2016), é um documento organizado com o intuito de propor um ensino-aprendizagem da língua portuguesa na educação básica. Nisso, a tradição gramatical, ainda segundo esses autores diz que uma das suas características é ensinar um padrão linguístico estabelecido perante o ensino tradicional da norma. Dessa forma, a gramática escolar também assume como principal característica na sua composição estrutural a presença de exercícios em que integra e especifica esse tipo de gramática, visto que os seus exercícios têm o intuito de retratar tanto o ensino teórico dos assuntos dispostos, quanto levar os alunos à prática e a reflexão do que foi apresentado na gramática.

Nas que analisamos, vemos a presença tanto de exercícios que voltassem para a norma gramatical, como aquele em que é destinado o foco a vestibulares. A segunda gramática selecionada, *Curso Prático de Gramática*, temos a autoria de Ernani Terra (2017), autor de larga experiência no ensino de Língua Portuguesa, Literatura e Produção de Textos, é doutor em Língua Portuguesa pela PUC/SP, com pós-doutorado na área de análise do discurso da interdição com fundamento teórico da semiótica de linha francesa. Além de ter formação na área de Letras, tem bacharelado em Direito com especialização em Direito Civil e Processo Civil pela Faculdade de Direito da USP. É membro do Grupo de Pesquisas Semióticas da Universidade de São Paulo (GES-USP).

Analisamos a 7ª edição da obra, ainda editada pela Scipione, também de acordo com a ortografia mais recente da língua portuguesa. É uma gramática direcionada para o público do Ensino Médio, sendo composta por 519 páginas de conteúdo, além de trazer ao final questões de vestibulares para o Enem. Nela, está contido um sumário com a divisão das classes gramaticais, sua funcionalidade e seus conceitos, como qualquer outra gramática mais tradicional, mas difere-se dela por ser um documento voltado para o aperfeiçoamento dos estudos gramaticais. Os capítulos da gramática são as subcategorias de 4 partes divididas e distribuídas em toda a gramática.

Nessas partes constitutivas do documento, estão abordadas a fonologia e a ortografia (capítulos 1, 2 e 3). Na segunda parte, temos o dito estudo da morfologia, nos quais estão os capítulos 4 a 11, que correspondem sequencialmente a *estrutura e formação das palavras; substantivo; artigo; adjetivo; numeral; pronome; verbo e categorias gramaticais invariáveis*, a saber: *advérbio, preposição, conjunção e interjeição*. Na terceira parte, temos o estudo da sintaxe (capítulos 12 a 19), respectivamente com os *termos essenciais da oração; termos integrantes da oração; termos acessórios da oração e vocativo; orações coordenadas; orações subordinadas; concordância verbal; concordância nominal; regência*. Na quarta e última parte, temos a parte da *norma e estilo*, contendo os capítulos do 20 ao 22, em que respectivamente são: *pontuação; figuras e vícios de linguagem; emprego de algumas palavras e expressões*.

Por fim, a terceira gramática que foi selecionada é a gramática de Cilene da Cunha Pereira, Edila Vianna da Silva, Maria Aparecida Lino Pauliukonis e Regina Célia Cabral Angelim, intitulada *Nova Gramática para o Ensino Médio: reflexões e práticas para a língua portuguesa* (1ª edição - 2017), editora Lexikon. Cilene da Cunha Pereira, falecida em 2019, tem formação na área de Letras Francês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, além de doutorado em Letras Vernáculas pela UFRJ. Edila Vianna, além da graduação em Letras Português/inglês pela UFRJ, também tem formação em direito pela UFRN e doutorado em Letras Vernáculas pela UFRJ. É aposentada desde 2015, mas continua sua atuação na Pós-Graduação *stricto sensu* da UFF. Maria Aparecida Lino Pauliukonis é formada em Letras Português/Inglês na Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Franca — *campus* avançado da USP. Tem doutorado pela UFRJ e é professora titular e emérita de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da mesma instituição. Fez pós-doutorado em Análise do Discurso pela Universidade Paris 13. Por fim, Regina Célia Cabral Angelim tem formação em Letras Português e doutorado em Letras Vernáculas na UFRJ.

Partindo para a descrição da estrutura, temos um total de 496 páginas. Diferentemente das gramáticas anteriormente citadas, que foram divididas em partes constitutivas, esta usa a numeração em capítulos e subcapítulos enumerados. No primeiro capítulo, temos a ortografia e a pontuação, com os seguintes subcapítulos: *grafias das palavras; acentuação gráfica; emprego de iniciais maiúsculas e minúsculas; emprego do hífen; crase; pontuação*. No segundo capítulo, temos a morfologia, subdividida em *verbo; substantivo; adjetivo; pronome; advérbio; artigo; numeral; conjunção; preposição; interjeição*; e, por fim, as *classes de palavras no discurso*. Já no penúltimo capítulo, a gramática traz a sintaxe, assim organizada: *mecanismo de estruturação sintática: coordenação e subordinação; orações coordenadas;*

orações subordinadas; termos da oração; regência; concordância. No último capítulo, temos o título *Semântica e léxico*, com os subcapítulos: *texto e sentido; relações lexicais; a seleção vocabular; impropriedade semântica; noções de texto e contexto.* É necessário pontuar também que, ao fim de cada capítulo, as autoras inseriram questões de ENEM e questões voltadas para os Vestibulares.

2.3 Procedimentos técnicos

Iniciamos a pesquisa pela leitura e identificação do tema proposto, com o afunilamento do estudo teórico. Após esse procedimento, foi realizada a busca por materiais que tinham o intuito de complementar o aporte teórico, a partir da leitura e do levantamento de documentos, teses, artigos e dissertações no portal da CAPES e na revista *Philologus*. No terceiro momento, temos a seleção das gramáticas, ou seja, do *corpus* desta pesquisa. Essas gramáticas foram escolhidas devido à linguagem compreensível e acessível ao ensino do professor em sala de aula, além da relevância dos autores. Assim, no quarto momento, temos o procedimento de leitura do *corpus*, que resulta na descrição precisa de cada documento.

No quinto momento, temos a análise propriamente dita, com a observação de como essas gramáticas estipulam o ensino do plural dos substantivos nasalizados. É analisado também nesse procedimento se essas gramáticas seguem um percurso analítico do ensino da norma gramatical dos substantivos, como está sendo articulado esse ensino em cada gramática e se seguem uma raiz histórica ou não. Após a análise desses termos, temos um sexto procedimento, em que será feita a descrição do ensino normativo nesses documentos, além de traçarmos uma comparação entre as três gramáticas. Depois de todas as considerações feitas em vista dos movimentos retóricos estabelecidos, temos como último procedimento a reflexão acerca do ensino do plural referente à flexão de número dos substantivos.

3 FLEXÃO DE NÚMERO DOS SUBSTANTIVOS: SINCRONIA E DIACRONIA

Nesta seção, faremos uma discussão comparativa entre as visões de ensino do plural dos substantivos em -ão pelas vias sincrônica e diacrônica. À vista disso, também é discutido sobre a classe dos substantivos e a tipologia gramatical, além de comentarmos a respeito do ensino de gramática.

3.1 Formação do plural em perspectiva sincrônica

De acordo com o *Curso de Linguística Geral* (2012[1916]), de autoria atribuída a Ferdinand de Saussure por seus alunos e organizadores da referida obra, existem duas formas de estudar o fenômeno da língua, as quais são chamadas de sincronia e diacronia. É importante frisar que Saussure formulou essas duas vertentes com o intuito de estudar a língua como objeto de uma ciência. A sincronia é um estudo voltado à descrição dos fenômenos linguísticos no momento atual da descrição, observando as diferentes relações que se atribuem à gramática. Tendo em vista essas concepções de estudo da língua, explicamos como se apresenta o estudo dos substantivos na perspectiva sincrônica.

Camara Jr. (1982) explica que a formação do plural acontece por meio do morfema {s} junto à palavra no singular, originando, assim, um novo vocábulo. Além de designar essa distinção entre singular e plural, ele orienta para o sentido que a desinência -s expressa, sendo esse morfema um signo de plural na língua escrita que influencia a criação de palavras. Sobre o plural em -ão, o autor demonstra que a influência desse signo é de fato uma variante linguística que atua como um modificador não só de palavras, mas também de sentidos e mudanças fonológicas. Ele também traz conceitos em oposição à gramática tradicional (GT), apontando diferenças entre as três formas de plural da terminação -ão, em decorrência de formas fantasmas do latim, não podendo ser levadas em consideração. Entretanto, diferentemente da GT, que aceita uma palavra com as três formas de plural, o autor afirma que esses vocábulos têm estruturas teóricas de variações livres, isto é, a estrutura da palavra é livre e aceita várias formas de plural.

Castilho (2020) amplia a visão e o conceito de substantivo por não se deter aos aspectos estruturais da classe, mas sim às propriedades de significação como uma classe que expressa sentidos e variações estilísticas. O autor concentra sua análise sob a ótica do uso e da funcionalidade dessa classe gramatical. Para ele, a função do substantivo se amplia à medida em que atua como categoria de base, dentro tanto do texto como do discurso, perante à

dinamicidade da língua. Embora o autor traga uma concepção mais geral e indireta de substantivo em cada tipologia gramatical, é possível perceber que, somente quando compreendemos essa classe como núcleo do sintagma nominal, enxergamos a sua funcionalidade atuante e produtiva, inclusive na formação estrutural dessas palavras. Sendo assim, a formação do plural só fará sentido se de fato for estudado perante o seu comportamento no ambiente linguístico, e não apenas por classificações.

Também nos baseamos nas contribuições de Azeredo (2010) para explicar a morfologia dos substantivos e sua flexão. Com relação à formação dos substantivos, os apontamentos do autor estão alinhados ao que propõe Camara Jr. (1982) sobre a oposição de ideias que existem entre o singular e o plural: um e mais de um, ausência e presença do marcador do plural -s (Azeredo, 2010). O autor também dá outra classificação desse plural, no quesito de que ele só serve para enumerar na medida em que se atribui a seres que são possíveis de enumerar; fora disso a adequação só será feita a partir da distinção do sentido.

Atentando-se para essa definição da formação do plural em -ão, o autor explica que esses nomes apresentam regularidade apenas em duas terminações e irregularidade em outra terminação. Diferentemente dos autores mencionados, que remetem a essa formação teórica, terminação pluralizada, Azeredo (2010) faz referência à ditongação, frisando que esse fenômeno fonético sofre mudança na passagem para outra ditongação. Assim, é perceptível que esse processo de formação tem a ver muito mais com o som do que com a própria grafia. Logo, ele inclui apenas duas formas de pluralização desses termos, a primeira em que -ão passa a -õe com o acréscimo do plural e se criam palavras aumentativas derivadas de verbos com adição do sufixo (ç). Com relação à terminação -ãos, ele apenas as inclui em uma regra de pluralização, em que se acrescenta o -s em monossílabos e em palavras polissílabas. Essas são as formas mais regulares. Quanto à forma irregular, no caso, a terminação -ões, o autor não traz uma explicação específica para tal, mas disserta que, por elas serem imprevisíveis, devem ser memorizadas e estudadas em conformidade com a gramática normativa.

3.2 Formação do plural em perspectiva diacrônica

Saussure (2012[1916]) categoriza diacronia como o estudo daquilo que é dinâmico na língua, que se difere da regularidade sincrônica por ser aquilo que é irregular na língua, com o intuito de estudar a língua a partir de sua evolução. Em outras palavras, a diacronia busca averiguar o que é registrado na língua e o que dela é originário, referindo-se ao estudo voltado às contribuições históricas da língua de forma estrutural, e muitas vezes está ligada à busca de

respostas para o que vemos hoje no estudo da língua, principalmente nos fenômenos linguísticos gramaticais que não podem ser explicados pela lei sincrônica.

Para melhor explicar os efeitos e reflexões correspondentes ao estudo do plural do substantivos em análise, considerando a perspectiva diacrônica da língua comentada nesta seção, nos fundamentamos em Bassetto (2010), Coutinho (2005) e Marcotulio *et al.* (2018) para compreendermos a visão diacrônica em vista da formação do plural dos substantivos.

Além de averiguarmos com Bassetto (2010) como a origem latina explica a formação dos substantivos da língua portuguesa, especialmente no caso da flexão de número, também contamos com a contribuição de Coutinho (2005), porque é a partir de sua gramática histórica que temos um aporte teórico específico da análise da classe dos substantivos. Assim, averiguamos como as transformações que explica Bassetto (2010) e sua obra estão articuladas na descrição linguística na gramática de Coutinho (2005). Esse segundo autor orienta, em sua gramática, para uma descrição das formas flexionais do plural dos substantivos latinos que originaram a flexão de número do plural dos nomes no PB.

Marcotulio *et al.* (2018) apresentam uma discussão acerca da formação do português medieval, que também corresponde ao português galego antigo e ao arcaico, para os quais os autores designam a mesma denominação. Na obra, os autores fazem uma análise e discussão de textos escritos durante o lapso temporal do século XIII (ou finais do século XII) ao século XVI (Marcotulio *et al.*, 2018). Esses pesquisadores observam essencialmente o quesito de construção da nasalidade dos substantivos, explicando os processos de nasalização como base em fenômenos fonéticos-fonológicos que foram essenciais para a formação da ditongação do plural em -ão dos substantivos, visto que esse fenômeno tem uma repercussão direta na morfologia dos nomes, estes influenciados diretamente por étimos latinos.

Existia o sufixo -udine no latim, mas ele foi unificado a outros assim que passou para o português em -ão. Porém, trazemos os três restantes em latim porque foram a partir dos termos -one, -anu e -ane, que surgiram os termos ões, ãos e ães na língua portuguesa. É importante mencionar que o grafema <n> é encontrado na primeira formação, enquanto na segunda formação é excluído, o que se deve ao um processo fonético ocorrido na passagem do latim vulgar para o português arcaico/galego-português, em que acontece a queda da consoante nasal em contexto intervocálico, isto é, ocorre a síncope do n intervocálico. Porém, antes da síncope, ocorre a nasalização da vogal que precede a consoante nasal, como observamos no Quadro 1, a seguir (Marcotulio *et al.*, 2018, p. 149).

Quadro 1 - Estudo comparativo latim - português

1ª FORMAÇÃO	2ª FORMAÇÃO	3ª FORMAÇÃO
- one	- õoes	- ões
- anu	- ãaos	- ãos
- ane	- ãaes	- ães

Fonte: Elaborado a partir de Said Ali (1964) e Bassetto (2010)

A 1ª e a 2ª formações correspondem a transformações ocorridas do português arcaico advindas do latim vulgar até chegar ao português brasileiro, representado pela 3ª formação, que temos hoje.

Segundo Silva (2010), a formação do ditongo -ão no latim se deve às transformações morfológicas e fonológicas com perda de fonemas nas terminações latinas que lhe deram origem. É válido ressaltar que esse ditongo atua como morfema dos substantivos e também sendo o sufixo aumentativo de algumas palavras no português. Entretanto, a autora explica que esse termo também é desinência de terceira pessoa no plural no PB, já que ele foi transformado, por meio de analogia ou por processos estritamente fonológicos, resultando na formação dessa terminação pluralizada no português. É necessário salientar que nem sempre vamos ter respostas totalmente precisas com relação à formação desse termo. Por essa razão é que muitos autores chegam a suposições e afirmações que de certa forma fazem sentido e contribuem para o estudo de caso. Um dos processos que explica a formação do -ão é a nasalidade que era indicada pelo *n* no latim, assim passou-se a ser indicado pelo o sinal do (~) em português. Silva (2010) afirma que

Essa passagem pode ser explicada por um mecanismo fonológico. O -n intervocálico tende a nasalizar a vogal anterior. Essa nasalidade é marcada pelo til em nossa língua desde o português arcaico, ocorrendo a queda do -n. De acordo com Mattoso, o til (~) era uma abreviação do /n/, colocado sobre a vogal anterior, prática própria dos copistas medievais. Assim temos -anu > ãu > ão. O -u /-um era desinência do acusativo da segunda declinação e indicava o gênero masculino que, no português, passou a ser indicado pelo 'o'. Como a maioria das palavras terminadas em -ão são masculinas, convencionou-se usar 'o' e não o 'u' latino (Silva, 2010, p. 70).

Dessa forma, levando em consideração esse apanhado histórico da formação desse termo, podemos aprofundar mais com relação à pluralização das palavras em -ão no PB. Para

contribuir em nosso estudo comparativo, veremos posteriormente as proposições com base nesse percurso histórico.

Para situar o contexto do estudo histórico, é importante frisar que, além de dizer que o sufixo em -ão passou por uma unificação de três sufixos diferentes do latim, é importante frisar também de onde surgiu a nasalização desses termos para que assim fosse possível a flexão no plural. De forma sintética, Bassetto (2010, p. 212) apresenta que a nasalização ocorre da seguinte forma:

lat. singular: manum
 port. singular: manu > mão > mão
 lat. plural: manus
 port. plural: mãos > mãos

Levando em consideração esse exemplo, é necessário repassar, no ensino de língua, que é preciso entender que o plural das terminações citadas acontece por causa do processo de nasalização ocorrida no latim, que, passando para o português, é marcado pelo sinal do til (~). Isso explica também o porquê de, na transcrição fonética, a marcação da nasalização de uma vogal é o til (~). Dessa forma, entendemos que, antes de chegar ao PB, a nasalização no latim era marcada pela letra -n e o prolongamento fonético (Said Ali, 1964), ou seja, a extensão da vogal era indicada pela repetição de uma vogal após a outra, aquela em que não é posto o sinal.

Assim, essa extensão fonética também contribui para o efeito da nasalização das palavras. Esse efeito o autor explica no contexto do plural em -ões que é de uso mais comum no PB. Porém, tal adequação não exclui o fato de que, nas terminações em -ães e -ãos, não aconteça a mesma coisa. A justificativa disso é o que Said Ali (1964) se refere a elas no português arcaico como sendo -ãaes e ãaos, havendo também tal prolongamento vocálico. Sendo essas as que mais causam dificuldade no português, veremos mais adiante as explicações a respeito desses respectivos plurais.

Dito isso, ainda falando a respeito da origem do sinal (~), em vista da formação das vogais nasais que teriam como origem as vogais seguidas de consoantes nasais do latim, Marcotulio *et al.* (2018, p. 149) explicam que,

Na documentação medieval remanescente, a representação dessa nasalidade pode se dar pela presença das consoantes *n* e *m* depois da vogal, conservando

a grafia etimológica latina, ou pela presença do til sobre a vogal, que seria uma espécie de abreviação da consoante nasal (Marcotulio *et al.*, 2018, p. 149).

Esses pesquisadores pontuam a importância da nasalização dos substantivos, no quesito de que esse fenômeno foi uma das principais marcas linguísticas que influenciaram a formação do plural das palavras em -ão. O grafema <n> no latim reteve uma grande produtividade na língua, o que passou para a língua portuguesa, sendo esse também um fator importante para a formação do plural na LP.

De forma esclarecedora, é de suma importância pontuar aquilo que compreendemos na medida em que lemos a descrição dos processos de formação dos plurais em -ão na gramática de Azeredo (2010), a respeito do fenômeno da ditongação. Mais do que esse fenômeno se estabelecer na grafia, ele primeiro se funde no som, na fonética da palavra. De fato, em vista das terminações nasalizadas do plural, se o professor não diz de forma direta que se trata de um fenômeno muito mais fonético do que propriamente gráfico, haverá mais uma dificuldade a ser sanada, que é a diferenciação entre esses dois articuladores da linguagem, justamente porque a grafia e o som da palavra têm íntimas relações.

Diante disso, passaremos para as discussões da seção seguinte, que aborda o ensino do plural dos substantivos em concepções sincrônicas e diacrônicas vistas nas gramáticas escolares.

4 ABORDAGEM DO PLURAL DOS SUBSTANTIVOS NAS GRAMÁTICAS ESCOLARES

Nesta seção, analisaremos se as gramáticas usam as contribuições históricas do português para o ensino da flexão de número dos substantivos terminados em -ão, ao passo que também averiguamos como o ensino da flexão de número está sendo abordado nessas gramáticas. Dessa forma, a partir das contribuições de gramáticas históricas da língua portuguesa, elaboramos uma reflexão acerca da importância de utilizar e se basear no contexto histórico como meio de trabalho necessário para o ensino de gramática.

4.1 Gramática Escolar da Língua Portuguesa

Em semelhança a outros tipos de gramática, a *Gramática Escolar*, de Evanildo Bechara (2020), apresenta uma definição para substantivo. Compreendemos que, dentro dessa definição, o autor abrange a perspectiva de significação da classe dos substantivos à medida que atribui a definição de substantivo à substância, e não somente à classe que nomeia as coisas e seres, ampliando o seu conceito em vista de sua essência significativa. Desse modo, a definição apresentada por Bechara (2020) indica que a classe dos substantivos pode também significar qualidades, estados e processos. Sobre a flexão de número, o autor designa a marca de singular e plural como sendo signos lexicais que combinam juntamente aos substantivos.

Diante do exposto, compreendemos que, se o substantivo tem uma carga significativa relacionada a sua qualidade, as flexões também apresentam uma carga de significação ao passo que as palavras são flexionadas, justamente porque são signos lexicais passíveis de combinações e carregados de sentido. O autor entende o mecanismo de flexão como parte da estrutura interna dos substantivos, iniciando a seção com base na significação do que de fato seria a flexão de número para depois apresentar a prática da flexão em si. Há uma abordagem sobre o singular e o plural como também uma descrição referente a desinência(s), em que a ausência da desinência significa o singular e a presença dela refere-se ao plural. Bechara (2020) também pontua que é a partir do substantivo que outras classes podem se relacionar entre si na oração, isso na medida em que se realiza a concordância.

Consideremos, agora, a flexão dos substantivos em caráter situacional dos plurais em -ão tônico. Essa nomeação de *sufixo tônico* é designada por Bechara (2020) quando se refere à compreensão da terminação -ão. O autor traça uma discussão acerca desses plurais e faz referência à gramática tradicional, isto é, traz as mesmas contribuições do ensino tradicional.

Há uma conotação direta em vista da fonética da língua para explicar o processo de formação dessas palavras. Desse modo, percebe-se, nessa gramática escolar, uma semelhança com o que Azeredo (2010) ensina sobre o plural em -ão, que descreve o ensino da flexão de número pluralizada ao processo fonético de ditongação.

Na Figura 1, a seguir, vemos termos que fazem referência ao estudo fonético de casos expressados por Bechara (2020, p. 105), como por exemplo a tonicidade, regras morfofonêmicas, além de fazer referência ao processo de ditongação.

Figura 1 - O ensino do plural dos nomes em -ão tônico

Os nomes em -ão tônico a rigor pertencem à classe dos temas em -o ou em -e, conforme o plural respectivo: *irmãos* (= irmão + s), *pães* (* = pãe + s), *leões* (* = leõe + s). Para uma descrição coerente, Mattoso propõe que se parta das formas teóricas do plural para se chegar ao tema, suplementadas pelas regras morfofonêmicas pertinentes, no processo de formação de plural.

Destacando-se a vogal temática (que passa a semivogal de ditongo em contato com a vogal anterior), teremos o radical em -õ (*leõ*) e o radical em -ã (*irmã, pã*).

1 – Os substantivos em -õ com tema em -e fazem o plural com acréscimo da desinência -s:

coração (*coraçõ + e + s) → corações

leão (*leõ + e + s) → leões

Assim, temos os plurais: *questões, melões, razões, etc.*

Este grupo é o mais numeroso e, por isso mesmo, tende, no uso espontâneo, a assimilar outras formas de plural que a língua exemplar nem sempre adota. Neste grupo estão incluídos todos os substantivos abstratos formados com os sufixos -ção, -são e -ão e grande parte de substantivos concretos.

comoção → comoções; adoração → adorações

apreensão → apreensões; compreensão → compreensões

abusão → abusões; visão → visões

caminhão (camião) → caminhões (camiões); barracão → barracões

Fonte: Bechara (2020, p. 105)

Não encontramos, na referida gramática, indícios de contribuições originárias da língua que expliquem a formação de plural. No entanto, para explicar o ensino dos plurais, o autor lança mão de termos técnicos relacionados à fonética, como foi apresentado anteriormente. Aqui, encontramos referências à perspectiva histórica da flexão de número dos substantivos em formação com acréscimo de -s e da pluralização de nomes gregos em -n, isto é, quando os substantivos de origem estrangeira, em geral grega, admitem forma com -s. O

gramático aborda o plural dos nomes gregos em -n e comenta que os nomes vêm de uma forma do grego, mas, passando para o português, têm influência da fonologia dessa mesma língua, mudando, assim, a sua forma e pronúncia.

Nessa gramática escolar, apesar de o autor remeter a uma breve explicação ao contexto histórico da língua portuguesa, isso em relação às palavras originadas da língua grega, não há uma discussão direta em relação às raízes etimológicas dos termos de plural tônico, o que é plausível para a situação. Assim, cabe ao professor em sala de aula complementar ou não essa curiosidade, caso seja pertinente salientar, já que não há uma explicação mais direta sobre as terminações nasalizadas, mas sim, mais geral.

Desse modo e diante do que foi discutido, entendemos que Bechara (2020), em uma dada situação, se dispõe a analisar sucintamente o aspecto histórico das palavras em vista das terminações plurais da origem da língua portuguesa. Deve-se levar em consideração o foco principal do autor e da gramática. É importante destacar esse fato, haja vista que a gramática é um apoio para o ensino de língua, e nela não há como conter todas as respostas que a história da língua abarca.

Na prática de ensino dos substantivos, Bechara (2020) realiza uma subdivisão que contempla um ensino por etapas, cuja sequência é estabelecida, primeiramente, pelo exercício em relação às categorias dos substantivos, em seguida, aos substantivos coletivos. Posterior a isso se dá a flexão de número, depois o estudo do gênero e, por último, o exercício relativo da gradação dos substantivos. Sobre os exercícios de plural, encontramos o que está reproduzido na Figura 2, a seguir.

Figura 2 - Exercício de fixação prática de ensino sobre a formação do plural dos substantivos
Número

7. Forme o plural dos seguintes substantivos:

Freguês	Irmã	Irmão	Bênção	Ás	Ônix
Cós	Revólver	Abdômen	Hífen	Éden	Tórax
Leão	Coração	Melão	Desvão	Mão	Chapéu
Cidadão	Cirurgião	Capitão	Pão	Escrivão	Mamão
Alemão	Papel	Cônsul	Fóssil	Funil	Degrau

Fonte: Bechara (2020, p. 133)

Os exercícios disponíveis nessa seção da gramática contemplam o estudo da grafia de palavras, a pluralização das palavras e o estudo da fonética. Bechara (2020) não traz uma prática de ensino diferente da gramática normativa, mas sim um ensino que contemple e

complemente o estudo da norma-padrão. No exemplo reproduzido, a questão 7, indica-se o ensino da flexão de número com a solicitação de que o aluno forme o plural das palavras indicadas, tanto para aquelas terminadas em -ão quanto para as demais terminações indicadas. Nesse caso, não vemos uma contribuição diferente do que a gramática tradicional propõe, mas, levando em consideração as discussões anteriormente vistas no referido capítulo indicado, o aluno já terá um apoio significativo para responder à questão.

4.2 Curso Prático de Gramática

Na gramática de Ernani Terra (2017), o capítulo 5 contém as normas sobre o ensino de substantivo, inserido na parte 2 da gramática, no estudo da morfologia. No estudo dos substantivos terminados em -ão, temos uma explicação direta e tradicional. A gramática nos indica que o plural vem descrito de três maneiras: -ões, -ãos e ães. Também compreende que as palavras terminadas em -ão podem assumir qualquer uma das terminações indicadas. Porém, o que a gramática não indica é como o estudante deve seguir e como poderá fazer a adequação necessária para determinada palavra, ou seja, apenas demonstra como era a palavra e como ficou após o acréscimo de tal terminação. Nesse caso, cabe ao docente em sala de aula indicar, de acordo com a gramática, quais são as palavras correspondentes a cada terminação, ou mesmo ao próprio estudante, pela assimilação. Por outro lado, não ter uma orientação direta sobre essas terminações possibilita ao aluno pesquisar sobre a pluralização desses termos, o que não necessariamente é uma garantia.

Em uma segunda parte falando sobre o ensino das terminações em -ão, a gramática aponta também para os substantivos que admitem mais de uma forma para o plural, caso em que a terminação -ões é a mais usada como exemplo. Entretanto, não há observações que remetem às concepções históricas para explicar o uso desse termo, como também essa concepção de origem da língua não está presente quando, inicialmente, apresentam-se as três maneiras de flexão do plural. Porém, vemos um único trecho em que Terra (2017) traz referências ao contexto histórico remetendo ao latim, mas somente quando se trata da formação dos substantivos primitivos, como reproduzido na Figura 3, a seguir.

Figura 3 - Definição de substantivo primitivo

Um substantivo é primitivo quando não provém de outro existente na língua portuguesa, por isso os substantivos **flor** e **lobo** são primitivos, embora procedam do latim *florem* e *lupum*, respectivamente.

Os substantivos derivados são normalmente obtidos pelo acréscimo de afixos, enquanto os compostos são obtidos pela junção de radicais e podem ter ou não seus elementos ligados por hífen.

Fonte: Terra (2017, p. 76)

Por meio da análise da gramática, podemos perceber que esse livro contribui para uma análise mais estrutural, de cunho mais prescritivo, o que também se faz necessário no ensino de língua portuguesa. Em relação aos exercícios, ela apresenta um conteúdo completo sobre os assuntos que foram abordados no capítulo antecedente à prática de exercício, porém, das 17 questões apresentadas nas páginas 90 e 91, apenas três contemplam o ensino do plural, trabalho encontrado, respectivamente, nas questões 6, 15 e 17. Além disso, a gramática traz um exercício complementar na página 92, intitulado *Dos textos à gramática da gramática aos textos*. Entretanto, das 6 questões dispostas nessa atividade, não há nenhuma que contemple o ensino do plural dos substantivos. O único exercício que envolve a terminação em -ão é reproduzido na Figura 4, a seguir.

Figura 4 - Exercício sobre o ensino de prática do plural dos substantivos

6. Escreva no plural as seguintes palavras do texto:
- a) paz
 - b) revolução
 - c) coração
 - d) chão
 - e) mar
 - f) amor
 - g) explosão
 - h) contradição
 - i) cais

Fonte: Terra (2017, p. 90)

Observamos que, nesse tipo de abordagem, o aluno tende a responder por meio de assimilação. Vendo a palavra descrita na questão, a atitude inicial do discente será de voltar à gramática e averiguar qual é a terminação que mais combina com a palavra indicada. Dessa forma, o exercício remonta para uma atividade mecânica, porém ela é necessária para

contemplar a prática de ensino em sala de aula. Já esperávamos tal modelo de questão em uma gramática mais prescritivista, pois ela é feita justamente para o trabalho com a norma-padrão.

De fato, é necessário refletir sobre a prática de ensino dos plurais em -ão e ver como o ensino de hoje está lidando com esse estudo. Pelas gramáticas até então analisadas, vemos que o ensino gramatical pauta-se preponderantemente em decoração de regras. Na gramática de Bechara (2020), há um contato mais preciso com reflexões acerca da formação desse plural. Já na gramática de Terra (2017), apresenta-se um ensino mais pontual das terminações, além de não contemplar nos exercícios referências diretas ao ensino do plural da terminação -ão.

4.3 Nova Gramática para o Ensino Médio

Na gramática de Pereira *et al.* (2017), há uma vasta definição sobre a categoria do substantivo, ao qual nos parece uma espécie de resumo da classe em um quadro sobre como o substantivo se comporta perante a sua natureza, forma e funcionalidade, além de nos mostrar o propósito comunicativo dessa importante classe. Da página 133 a 134, nota-se uma passagem breve do ensino da flexão de número, porém essa explicação não foca nas terminações -ãos, -ões e -ães, tendo apenas uma forma indireta de menção.

Tendo em vista o ensino relativo ao estudo desses termos, é visto que a gramática, apesar de não mencionar as terminações inicialmente, vem tratar do ensino específico desses termos somente na página 136. Dessa forma, juntando a teoria à prática, temos primeiramente o ensino do plural dos substantivos em -ão e depois um pequeno exercício na página 137, que comanda o aluno a indicar os respectivos plurais dos substantivos selecionados.

As autoras sempre deslocam a atenção do leitor para quadros em que trazem ideias de conhecimentos externos ao que elas estão tecendo e discutido no capítulo. Elas não só abordam o ensino dessas terminações como também explicam a frequência e não frequência desses termos, o que de fato faz desse ensino interessante e pautado na frequência útil dos substantivos. Assim, o estudo não somente olha para a adequação das terminações em um substantivo, mas faz com que haja uma reflexão acerca do seu uso e da sua funcionalidade. Dito isso, observemos os pontos elencados das autoras com relação ao ensino do plural na Figura 5, a seguir.

Figura 5 - Plural dos substantivos

2.2.15 Plural dos substantivos em -ão

Na formação do PLURAL DOS SUBSTANTIVOS EM -ÃO, você encontra três opções, a saber:

A) O PLURAL EM -ÕES é encontrado na maioria desses substantivos (*botões, limões, tubarões*). É encontrado ainda em plural de aumentativo (*homenzarrões, facções, moleirões*), em substantivos derivados em geral (*ações, canções, eleições, derivações, inclusões, respectiva-*

mente *de agir, cantar, eleger, derivar, incluir*) e também em substantivos que fazem feminino em -ona (*cabeção/cabeçona > cabeções; sabichão/sabichona > sabichões*).

B) Menos frequente é o PLURAL EM -ÃOS, geralmente em substantivos cujos derivados apresentam -anu no radical (*mão > manufaturado*), ou que fazem o feminino em -ã (*cidadão/cidadã > cidadãos; cortesão/cortesã > cortesãos, cristão/cristã > cristãos; irmão/irmã > irmãos*). Nem sempre é fácil fazer essas associações, mas elas ajudam. Existem ainda outros substantivos que fazem plural em -ãos: *desvão(s), acórdão(s), bênção(s), órgão(s), sótão(s)*.

C) O PLURAL EM -ÃES é o menos frequente dos três e corresponde geralmente a substantivos cujos derivados apresentam -ani no radical (*), como: *pães (> panificação), cães (> canino), capelães (> capelania), capitães (> capitania), charlatães (> charlatanice), escrivães (> escrivania)*.

(*) Podemos depreender o radical dos substantivos nos cognatos, como apresentamos nos parênteses.

Fonte: Pereira *et al.* (2017, p. 136-137).

A partir da análise feita, vemos que há, sim, características vistas na gramática que remetem à origem da língua. Ademais, as autoras também nos indicam as palavras que são as nomeações de frequência e não frequência das terminações em vista dos substantivos. Não há uma informação direta daquilo que corresponda precisamente ao contexto histórico dos substantivos e da flexão de número nasalizada, apenas indiretamente quando a autora pontua que as palavras são derivadas de alguns casos de substantivos. No contexto direto, dizemos no sentido de falar com as próprias palavras que o termo é de origem latina, o que seria de fato um ponto muito importante retratar na gramática, e assim trazer várias discussões em sala em torno da perspectiva histórica da língua por trás do ensino de uma terminação.

Nos termos que indicam plural em -ães, as autoras remontam ao termo derivado do latim, que correspondia a -ani e -anu, este último correspondente à terminação no português em -ãos, como visto na Figura 5. Dessa forma, Pereira *et al.* (2017) dispõem de uma menção histórica ao estudo dessas terminações, voltado ao contexto originário da língua portuguesa, além de também comentarem as palavras que se originaram de outras línguas. Porém, um ponto que destacamos é que as autoras não aprofundam os casos no quesito do fenômeno da ditongação, assim como foi visto nas gramáticas de Bechara (2020) e Terra (2017). Elas

retratam, na página 137 posterior ao exercício mencionado, a questão dos vocábulos oxítonos, que são aquelas palavras que aceitam em sua estrutura mais de um tipo de plural.

Por fim, destacamos a parte que nos chama a atenção em razão das explicações dadas por Pereira *et al.* (2017), que é justamente quando as autoras apontam em cada contexto de análise dessas terminações, como foi mencionado, a frequência e não frequência desses termos, ou seja, se eles são ou não encontrados nos substantivos no PB. Em um ensino voltado às perspectivas históricas, poderíamos dizer que essa frequência e não frequência das terminações é em vista da produtividade lexical que existe no português brasileiro desde o latim vulgar até chegar ao que temos hoje, português moderno. Dessa forma, subentende-se que ficaram apenas as terminações que de fato eram mais produtivas na língua, aquelas com maior frequência.

De forma geral, a gramática em si, comparada às outras em relação ao ensino do plural dos substantivos, é muito mais resumida, porém prática, na medida em que contempla o exercício juntamente com a teoria, assim como também assume uma qualidade inovadora na medida em que remete a indícios de historicidade da língua, a partir do uso de pequenos termos derivacionais advindos do latim.

4.4 Propostas para o ensino

Neves (2006) afirma que é importante trabalhar a norma-padrão na escola, desde que não passe esse ensino a ser uma descrição de regras sem uma reflexão precisa para tal. É necessário orientar esse estudo em um constante vínculo de formulação e reformulação do modo de ensinar gramática. Assim, cabe principalmente ao professor, em sala de aula, pensar como está sendo a sua prática docente em meio a esse ensino.

Segundo Bezerra e Reinaldo (2020), a análise linguística como metodologia de ensino de língua é uma proposta alternativa ao ensino de gramática tradicional. Essa metodologia propõe o desenvolvimento de atividades de reflexão sobre os usos da língua, o que inclui a realização de atividades epilinguísticas e metalinguísticas que englobem os subsistemas lexical e gramatical da língua. Propomos aqui o alinhamento do contexto histórico-estrutural e da observação de tais terminações tendo em vista a reflexão sobre a flexão do plural dos substantivos em -ão, a partir da proposta da análise linguística. Desse modo, também é importante ressaltar que o que é proposto não é em vista de uma resposta correta ou uma solução precisa para o caso da flexão de número dos substantivos estudados, mas sim facilitar o estudo e a compreensão dessas terminações.

Assim, para exemplificar o nosso pensamento a respeito de um ensino que tenha como base o contexto histórico de um termo, apresentamos a seguir um recorte a partir de Terra (2017, p. 83) (apenas duas palavras de cada plural). Escolhemos essa gramática como exemplo, porque, na maioria das vezes em que se trabalha o ensino gramatical do plural em -ão em sala de aula, é mais comum a perspectiva mais prescritivista, encontrada nela. Esse recorte está elaborado no Quadro 2, a seguir.

Quadro 2 - Substantivos terminados pelo ditongo nasal -ão

Fazem o plural de três maneiras			
a) terminação em -ões (a maioria desses substantivos e todos os aumentativos)			
balão	balões	opinião	opiniões
canção	canções	questão	questões
b) terminações em -ãos:			
acórdão	acórdãos	sótão	sótãos
benção	benções	cidadão	cidadãos
c) terminação em -ães:			
alemão	alemães	escrivão	escrivães
cão	cães	pão	pães

Fonte: Terra (2017, p. 83).

No que se refere ao ensino do plural dos substantivos terminados em -ão, vemos nesse estudo uma janela de possibilidades para o professor em sala de aula. Um primeiro método de ensino dessas terminações é o estudo comparativo. Porém, esse estudo comparativo seria entre gramáticas. Dessa forma, propomos o estudo do ditongo -ão, tratando de sua flexão no plural, na comparação entre a gramática de Terra (2017), que é mais normativa, e as contribuições históricas de Said Ali (1964), Coutinho (2005) e Bassetto (2010). Presumindo um estudo comparativo entre esses estudiosos, associaremos a tabela apresentada a partir do que eles apresentam de conhecimento teórico sobre o plural das palavras em -ão. É importante lembrar que, para uma série dos anos finais, não nos deteremos a um estudo abrangente do termo, mas àquilo que é relevante para a sala de aula de modo mais sintético.

Seria de fato interessante retratar para o aluno o conceito histórico visto. Dessa forma, por meio de tabela e a partir de exemplos, apresentamos como ficaria esse ensino de forma sintética em sala de aula mostrando o plural em latim e não nos detendo às declinações latinas – que é um estudo mais complexo –, pois o intuito desse estudo é mostrar como a nasalização acontece, como veremos no Quadro 3 a seguir.

Quadro 3 - Processo de formação do plural do ditongo -ão

PALAVRA DE ORIGEM	NASALIZAÇÃO NA VOGAL ANTERIOR A LETRA N.	TERMINAÇÕES LATINAS	SUPRESSÃO DO -(N) E ACRÉSCIMO DA DESINÊNCIA (-S) NO PB
manus (plural)	ã	anu	mãos
paganos (plural)	ã	anu	pagãos
panes (plural)	ã	ane	pães
sermones (plural)	õ	one	sermões

Fonte: Elaborada a partir de Bassetto (2010).

Um ponto importante é mostrar ao aluno, inicialmente, de onde surgiram os termos singular e plural, trazendo, assim, uma familiarização para aquilo que será trabalhado posteriormente. Com relação a isso, Bassetto (2010) explica que os termos singular e plural são herdados pelo latim do indo-europeu e transmitidos às línguas românicas, no caso, ao PB. De uma forma ou de outra, apesar de o mediador em sala de aula mostrar ao aluno os processos que direcionam as terminações, é fundamental salientar que o mais importante é apresentar a origem histórica de determinadas palavras ao aluno, trazendo aqui a significativa contribuição em também ter como apoio desse método um dicionário latino.

O método utilizado não tem o intuito de substituir as terminações do PB pelas de origem, muito menos causar confusão ou aplicar uma forma correta de explicar o porquê de determinada palavra ser escrita dessa forma, pois existem exceções. O intuito da proposta é explicar para o discente os termos antecedentes das terminações que temos hoje, seu processo e como isso contribuiu para a formação das terminações do plural em -ão, facilitando, assim, a sua compreensão, além de ser um complemento do estudo do ditongo -ão nasal em meio ao ensino da gramática normativa.

Com relação às dificuldades de compreensão das três terminações que existem no PB, uma das formas de situar o aluno é justamente explicar que elas acontecem desde o português arcaico. Dessa forma, entendemos que não foram somente as terminações que vieram como herança, mas as dificuldades de compreensão também se estabeleceram nas palavras do PB, visto que ele surgiu de uma língua predominantemente oral. Outra explicação a respeito da pluralização dessas terminações seria devida à passagem do latim para o português visando a necessidade de regularizar o plural. Assim, foi a partir do século XVI que houve a uniformização dos três étimos latinos em ditongo nasal (Castro, 1991 *apud* Marcotulio *et al.*, 2018).

Said Ali (1964) disserta que essas dificuldades acontecem principalmente nos termos menos frequentes utilizados no plural do PB. Segundo Coutinho (2005), a terminação -ães, das três, é a menos comum. Dessa forma, as palavras que não apresentavam tantas dificuldades na sua flexão eram mais associadas à terminação em -ões. Said Ali (1964) explica que isso acontece por conta da preferência desse termo e também pela facilidade em pluralizar a maioria dos substantivos à terminação em -ões. Por isso que -ões encerra mais casos no PB. Entretanto, Bassetto (2010) explica que essas palavras aceitam com mais frequência esse tipo de plural devido a uma certa adequação de outras palavras vindas de origem fora do latim ao português. Ou seja, aceitavam-se as palavras de origem chinesa, francesa, persa, entre outras que foram levadas para o português brasileiro.

Bassetto (2010, p. 212) afirma que, “Em palavras em /-ão/ de outras origens, o plural geralmente é /-ões/: alazão (ar.) > alazões, balcão (it.) > balcões, eclosão (fr.) > eclosões, tufão (chinês) > tufões, zarcão (persa) > zarcões”. Ele também destaca que a fácil articulação, assim como a evidência da numerosidade desses termos, acontece devido à frequência analógica entre as palavras, o que explica muitas vezes um substantivo aceitando as três formas de plural. Outro ponto importante para simplificar a compreensão das palavras que aceitam mais de uma terminação de plural é retratar essas terminações como o que Câmara Jr. (1982) vai chamar de formas concretas no singular, fato que ajuda a explicar ao aluno que elas aceitam mais formas devido a serem estruturas teóricas de variações livres.

Said Ali (1964) indica que, no caso de dúvida com relação à escolha de qual terminação usar, é preferencial usar a forma regular em -ões, acarretando, assim, a uma numerosidade de palavras com essa forma. Esse autor também explica que a confusão se deu por causa das terminações latinas no singular (-om, -am e -ão), que, se tivessem elas permanecidas distintas, não haveria tanta adversidade. Por essa razão, é necessário o aluno retomar a origem da palavra para entender o contexto, olhar as terminações em latim para não

correr o risco de flexionar um substantivo também por analogia à outra palavra. Um ponto positivo em relação ao trabalho de comparação com a tabela é que pode ser usado associado a qualquer tipo de gramática.

Por fim, é necessário ressaltar que não são apenas essas contrariedades que explicam a operação envolvida por trás das terminações, mas outro fator importante é a própria dinâmica da língua. Apesar de haver muitas semelhanças entre o latim, o português arcaico e português moderno/atual, ao qual essas duas primárias originaram essa última, há algo que diferencia esses três momentos importantes na formação da língua portuguesa, que é justamente o tempo atuante de cada momento histórico, ou seja, o seu comportamento perante os séculos.

Pensando numa proposta de orientação para o professor, desejamos ampliar o ensino do plural dos substantivos usando uma abordagem histórica. É necessário ressaltar que essa prática não se resume apenas à reflexão, como foi discutido no início desta seção. Olhar a língua em seus aspectos funcionais e aprender com ela o sentido e as estruturas que a compõem é associar o que é diacrônico da língua com o que é sincrônico. Além de que deve-se olhar para as necessidades impostas no ensino em sala de aula.

No ensino das terminações de maneira indireta, o que propomos é investigar não só o contexto estrutural da língua, mas os meios pelos quais se sucedeu na história dessas terminações, sendo esse estudo feito de forma simplificada. A ideia é também ministrar aulas que contemplem de forma interdisciplinar a história social do povo naquela época. Trazer esse contexto histórico vivo e presente nas aulas não é somente um estudo de um termo, mas também é a visão da cultura de um povo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto nesta pesquisa, temos as seguintes considerações: no que diz respeito ao ensino do léxico no português, foi compreendido que ele perpassa a história social de um língua parcialmente modificada e reformulada perante os séculos até chegar ao português moderno. Nesse sentido, reiteramos nesta seção a importância de entender o funcionamento da língua à medida em que se estuda o seu passado e se ampliam as práticas metodológicas perante as dificuldades preexistentes que surgem ao passo que se aplica o ensino da norma. Um segundo ponto que destacamos é em vista da importância de compreender os fenômenos fonéticos, estudar o emprego de normas gramaticais, assim como foi visto nesta pesquisa, o que compreende a necessidade de ter um ensino explícito, que mostre ao aluno as influências dos sons da fala na grafia da palavra.

Um terceiro ponto que mencionamos é a consideração do propósito comunicativo da gramática quando usada em sala de aula. Ao utilizar um compêndio gramatical, o docente deve entender que objetivos ele pretende alcançar ao trabalhar os conceitos expostos pela gramática. É importante levar em consideração que esse estudo comparativo não deve se restringir e repercutir apenas um conteúdo específico no espaço da sala de aula. De certa forma, ele também impacta o cenário da educação linguística como um todo, pois não são somente esses termos que vieram como herança lexical latina, mas grande parte do que temos hoje do léxico brasileiro.

Entendemos ser necessário que haja um estudo comparativo à parte em função de cada classe gramatical, assim como suas especificidades morfológicas e fonético-fonológicas. Com isso, abrimos espaço para possíveis estudos comparativos, associativos, entre aqueles que contemplem o ensino de gramática do PB as línguas as quais também influenciaram a criação da LP, como por exemplo a indígena, a grega, a africana, a inglesa e não exclusivamente a língua latina, pois o nosso léxico também é formado por influências dessas línguas.

Desse modo, uma das formas de um pesquisador que deseja entender a língua portuguesa, assim com o intuito de facilitar o estudo da sua gramática, é buscar um conhecimento acerca da sua língua de origem. Se um aluno em sala de aula conhece a influência de outras línguas no léxico da sua língua materna enquanto a estuda, consequentemente poderá saber o porquê deve compreender determinados termos, além de uma palavra ser escrita de uma forma e não de outra.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 3.ed. São Paulo: Publifolha, 2010.

BASSETTO, Bruno Fregni. **Elementos de Filologia Românica**: história interna das línguas românicas. 1. ed. 2 v. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - EDUSP, 2010.

BASÍLIO, Margarida. **Formação e classes de palavras do português do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BECHARA, Evanildo. **Gramática Escolar da Língua Portuguesa**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

BEZERRA, Maria Auxiliadora; REINALDO, Maria Augusta. **Análise Linguística**: afinal a que se refere?. 2. ed. Recife - PE: Pipa Comunicação, Campina Grande -PB: Editora da Universidade Federal de Campina Grande - EDUFPG, 2020.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2020.

CAMARA JR. Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 12. ed. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 1982.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**: linguística e filologia. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico, 2005.

DUARTE, Laryssa de Jesus Alves. Ensino de gramática no Brasil: aspectos históricos e contexto atual. **Philologus**: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, Rio de Janeiro, n. 79, p. 570-584, abr. 2021.

FRAGUAS, Marcela Martins de Melo. Um estudo comparativo do substantivo em quatro fases. **Philologus**: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, Rio de Janeiro, n. 77, p. 238-251, ago. 2020.

IDA, Manuel Said Ali. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.

LAKATOS, Eva e MARCONI, Maria de Andrade. **Maria Fundamentos da metodologia científica**. 8. ed. 2017.

MASCARENHAS, Sidnei A. **Metodologia científica**. São Paulo - SP: *Pearson Education do Brasil*, 2014.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz, *et al.* **Filologia história e língua: olhares sobre o português medieval.** São Paulo: Parábola, 2018.

MONDADORI, Cristiane. **Pluralização dos substantivos terminados em -ão: uma proposta de atividades.** 2009. 49 f. (Monografia) - Curso de Especialização Gramática e Ensino de Língua Portuguesa do Instituto de Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

NEVES, Maria Helena Moura. **Que gramática estudar na escola?: norma e uso na língua portuguesa.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PEREIRA, Cilene da Cunha *et al.* **Nova gramática para o ensino médio: reflexões e prática em língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Lexikon, 2017. 496 p.

PEREIRA, Adriana Soares *et al.* **Metodologia da pesquisa científica.** 1. ed. Santa Maria, RS: UFSM, NTE, 2018. *E- book.*

RAVIZZA, P. **Gramática da Língua Latina.** 9. ed. 2 vol. Niterói, Escolas profissionais salesianas, 1940.

ROCHA, Lima. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa.** 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

SILVA, Neildes Batista. A formação do ditongo -ão: do latim para o português moderno. **Graduando**, [S.L.], n. 1, p. 65-74, dez. 2010. Semestral. Graduanda do curso de letras vernáculas - UEFS.

SAUSSURE, Ferdinand de; Charles Bally (org.) *et al.* **Curso de linguística geral.** 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2020 [1916].

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 1. ed. São Paulo, Cortez: 2013.

TERRA, Ernani. **Curso prático de gramática.** 6. ed. São Paulo: Scipione, 2011.

VIEIRA, Francisco Eduardo Vieira; ALEXANDRE, Diego José Alves. Gramática escolar, formação do professor e saberes docentes. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n.º 52, p. 549-565, dez. 2016.